



155

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS IV – NÚCLEO JACOBINA
CURSO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Adenilde Miranda Lopes

Gércia Maria Martins Prado

Iraílde Souza da Silva

Josefa Moreira Souza

Leolinda de Souza Silva

Maria do Carmo Lima de Santana

Piritiba, BA.
Novembro/2001

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

AUTORIA: *Adenilde Miranda Lopes*
Gércia Maria Martins Prado
Irailde Souza da Silva
Josefa Moreira Souza
Leolinda de Souza Silva
Maria do Carmo Lima de Santana

ORIENTADORA: ZILDA DE OLIVEIRA FREITAS

Trabalho final apresentado ao curso
de Pedagogia, para avaliação final.



Piritiba – Bahia

Novembro/2001

UNEB - DEP. IV - IAC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS IV – NÚCLEO JACOBINA.

PÁGINA DE APROVAÇÃO

EXAMINADOR: _____

CURSISTAS:

ADENILDE MIRANDA LOPES

GÉRCIA MARIA MARTINS PRADO

IRAILDE SOUZA DA SILVA

JOSEFA MOREIRA SOUZA

LEOLINDA DE SOUZA SILVA

MARIA DO CARMO LIMA DE SANTANA

CURSO: PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TÍTULO DO TRABALHO: LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS”.

PARECER:

NOTA:

ASSINATURA

2001.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos profissionais que estejam de conformidade, com o que o artista Ziraldo diz:

Um país de leitores vai crescer e se desenvolver, adquirindo uma dimensão cultural maior que sua dimensão territorial.

E à Professora Orientadora Zilda Freitas, pela compreensão na elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus soberano, que está sobre o controle de tudo; no Céu, na Terra e no mar, aos nossos pais, filhos e a todos nós que participamos direta ou indiretamente desta árdua jornada sem tréguas; e vencemos.

LONGA CAMINHADA

Nesta longa caminhada às vezes chegamos a pensar que estávamos sozinhas... Assustava-nos! E acordávamos afirmando: Não, nós não estamos sós.

Pois logo sentíamos a presença de "Deus" e a recordação de vocês, professores e coordenadores deste Curso de Pedagogia.

O caminho é longo mas precisamos chegar até o final...

Este caminho não vem feito. Vamos construindo-o todos os dias, e, é preciso coragem, amor e dedicação.

Sabemos também que antes, alguém vinha percorrendo-o, e assim ficamos com a certeza de que somos um povo, construindo a sua estrada com os mesmos objetivos.

Com tudo isso, fica ainda a certeza de que muito pouco sabemos, pois muito mais temos de aprender, do muito que aprendemos com vocês.

A certeza ainda, que estamos sempre começando e que é preciso continuar.

É uma certeza bem maior que, nesta continuação, preservemos a humildade, a fé, o amor, a coragem e esperança em "*Cristo Jesus*", pois podemos ser interrompidos à qualquer instante. Mesmo antes de terminarmos.

Para todos vocês que fazem parte desta caminhada.

Um abraço,

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Desenvolvimento	9
Capítulo I - Prontidão	16
Capítulo II - Principais causas de dificuldades de aprendizagem	19
Capítulo III - Ler sempre	22
Capítulo IV - Por que lê.....	26
Capítulo V - A importância do ato de ler	30
Capítulo VI - Como a criança aprende ler.....	34
Capítulo VII - Ler e escrever de verdade	35
Capítulo VIII - Entrevista a professora, que sou	37
Capítulo IX - Práticas Leitoras	38
Capítulo X - As línguas influenciam na leitura?	39
Conclusão.....	41
Bibliografia.....	43
Anexos.....	44

INTRODUÇÃO

A escola é por excelência, o espaço ideal onde desde os primórdios, o homem estabelece suas relações dialógicas com a palavra escrita operacionalizando ali seus primeiros ensaios de decodificação do signo escrito num jogo de associação e assimilação de sons e sinais, que se intercompletam numa perspectiva de compreender e desvendar o mistério da comunicação entre homens e livros.

A coletânea a seguir procura orientar no sentido do saneamento de carências e colaborar para a correção do problema, almejando, com isso, atingir um alvo superior: cooperar igualmente para a superação das dificuldades que prejudicam o ensino e acessão à leitura em nossa sociedade.

Com esse trabalho, pretendemos levantar um questionamento sobre as causas das dificuldades apresentadas na leitura nas séries iniciais.

Esses pontos serão tratados em capítulos distintos assim organizados:

Capítulo I - Prontidão

Capítulo II - Principais causas de dificuldades de aprendizagem

Capítulo III - Ler sempre

Capítulo IV - Por que lê

Capítulo V - A importância do ato de ler

Capítulo VI - Como a criança aprende ler

Capítulo VII - Ler e escrever de verdade

Capítulo VIII - Entrevista a professora, quem ou?

Capítulo IX - Práticas Leitoras

Capítulo X - As línguas influenciam na leitura?

Apresentaremos, uma conclusão, a bibliografia utilizada e textos das entrevistas, em anexo.

DESENVOLVIMENTO

Observando atualmente com mais freqüência a necessidade de fazer com que todos os alunos leiam e escrevam dentro dos padrões exigidos pela série em que ele atua, não há como evitar este conflito interno entre, docentes e discentes.

Nota-se que ler e escrever são atos lingüísticos distintos, mas inseparáveis. Esta questão vem atualmente recebendo uma atenção especial; afinal, a leitura tem por função básica a realização do objeto de quem escreve.

Nós educadores, temos que nos preocupar com esta temática; pois a escola que não consegue fazer dos seus alunos, bons leitores, traz conseqüências graves para o futuro destes; que terão dificuldades enormes para continuar na escola e serão, fortes candidatos à evasão.

Preocupados e constatando as dificuldades, pelos quais passam os discentes nas séries iniciais especificamente na aquisição e domínio da leitura, elaboramos este trabalho levando em consideração, as diversidades culturais, sociais; pois sabemos que entre estes e outros determinantes; interfere também a maturidade psicológica, cognitiva, intelectual, inclusive o acesso às informações que, condicionam interesses, constrói possibilidades, cria limites à compreensão do que se lê.

Pretendemos com este trabalho, transpor estes limites; pois sabemos que é através de uma leitura criativa que o leitor pode vir a transcender determinadas barreiras, penetrar nas lacunas do texto e estabelecer um diálogo profundo com o próprio plano de sua criação.

Quando lemos, entramos no espaço micro-político da palavra, e ao vivermos

cada experiência que cada leitura nos possibilita encontramos-nos numa nova dimensão pessoal e social, que nos permite ressignificar tudo o que já se era e se sabia até então. É a partir desse entendimento que afirmamos ser a leitura, uma possibilidade de abertura para o mundo cósmico, social, natural e individual. É algo que, nos envolve por inteiro: corpo e psique, holisticamente considerados.

“Desde o principio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo, segundo” (Fernandez, 1994). Realmente; quando aprendemos é com o nosso corpo que o fazemos. Leitura que não passa pelo corpo, que não-o mobiliza em busca de novas leituras não desperta paixões... é uma leitura que não transcende o limite da palavra e, sendo assim não expande o sentido das zonas erógenas em si para, o da erotização geral do corpo.

Existe um sinal inconfundível para diferenciar a ortopedia da aprendizagem: o prazer do aluno. Se, por um lado este prazer de ler, e uma experiência de vida, por outro a escrita é o registro histórico dessa experiência. *“Ler e escrever, são almas gêmeas”*.

A pessoa que apenas lê, mas *“não pensa”* é analfabeta. É mister principalmente, dar conta de compreendê-la, e, sobretudo inová-lo, ou seja: compreender profundamente a sua estrutura e discutir as partes e o todo, refazer com as próprias mãos tornando-se co-autor.

Nas últimas décadas, com a prática crescente da interdisciplinaridade observou-se, em especial no âmbito das disciplinas que estudam a linguagem, uma atenção mais voltada às atividades relacionadas a leitura e escrita.

Ainda que a escola há séculos tenha se tornando o lugar privilegiado para adquirir e praticar o ato de ler e escrever, sabe-se que, a prática desenvolvida nessa

instituição, está longe de corresponder as reais necessidades do aluno e as exigências da sociedade moderna. Parece-me que a escola de um modo geral, não percebeu o significado que deve ter a leitura e a escrita para o cidadão de hoje.

Enquanto a escola ainda hoje valoriza a cópia, a reprodução; deve-se atualmente priorizar a capacidade crítica, a interpretação, a produção autônoma.

Aquele, que de fato o que lê, é capaz de reinterpretar o lido, produzindo uma redação conveniente que não desvirtua o original, sem ser, entretanto mera cópia deste; torna-se um verdadeiro leitor.

Espera-se da escola atual que respeite o estágio de maturação do desenvolvimento da capacidade de ler e escrever do discente; pois a mesma tem se comportado de forma diferente “*exigido*”, do aluno desde o início, um comportamento de letrado. (cf. Ferreiro e Teberosky, 1979).

Há um momento no processo de construção do desenvolvimento da leitura e escrita em que, a criança passa da fase do realismo nominal, para o simbolismo na qual, a criança tem convicção que há uma correspondência biunívoca entre letra e som. Essa descoberta permanece por toda fase sustentada pela hipótese fonética (cf. Zemle, 1938). Partindo desses princípios pode-se afirmar que, para iniciar a criança eficientemente no processo da leitura, é indispensável proporcionar-lhe sempre situações globais de leitura. Isto é; que estejam presentes a um só tempo: MECANISMO E COMPREENSÃO. Este método é o que melhor atende aos objetivos do ensino da leitura no curso fundamental.

Analisando os diferentes processos deste método; palavração – sentencição – contos – unidades de experiências etc. Percebe-se que, o reconhecimento rápido das palavras são habilidades básicas para a alfabetização e

que as palavras só adquirem carga ideativa quando reunidas em frases. Para melhor entender estas diretrizes gerais deste processo; o professor deve empregar simultaneamente diferentes materiais e formas de leituras. Existem dois métodos apenas, para ensinar a ler. – ANALÍTICO E SINTÉTICO. É por este motivo que anteriormente citamos o método global, pois, no processo da leitura; análise e síntese não podem separar-se.

A metodologia atual recomenda a combinação dos métodos para favorecer desde o início o desenvolvimento de habilidades que facilite o desempenho da leitura.

Aprendemos com Descartes, por exemplo, que *“ler bons livros equivale a uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados”*.

Em agosto de 1994, a revista exame publicou um artigo com o título: *“como preparar seus filhos para o trabalho no ano 2000”*. Neste artigo, os profissionais da educação encontrarão aspectos referentes ao seu campo de trabalho sendo questionados e que, de fato, carecem de uma avaliação crítica para que a escola cumpra o seu papel na sociedade emergente.

Dentre os vários pontos em discussão ao referido artigo, achamos interessante destacar alguns, a saber:

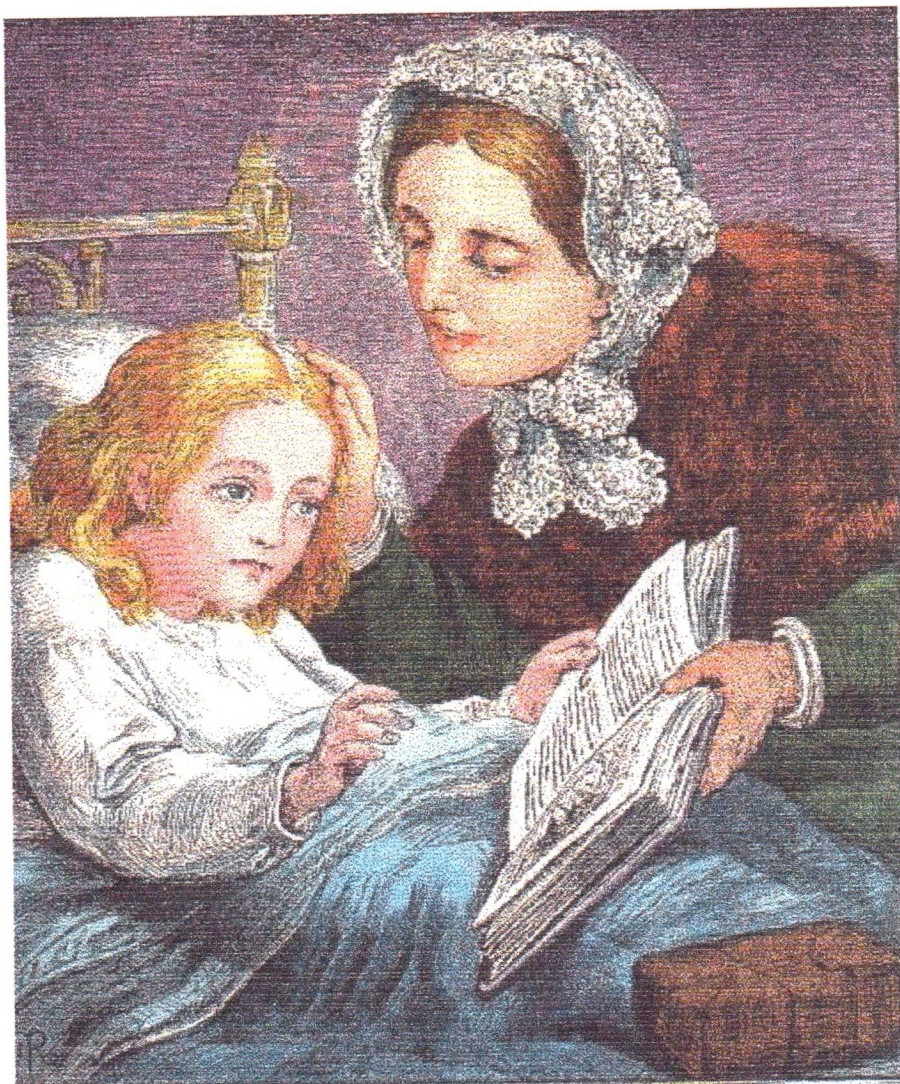
- É preciso verificar a metodologia de ensino utilizada pela escola de hoje.
- *“O professor não pode parar de estudar...”*.
- É essencial que a escola, muito mais que acumular conhecimentos, ensine a raciocinar; desenvolva a criatividade, a imaginação e o espírito de iniciativa e consiga entusiasmar o aluno para a aquisição e
- construção do conhecimento.

E, assim sendo, é necessário que todo o educador tenha uma visão ampla do que é ler, para assim ampliar a visão de mundo de seus educandos para que eles participem da história de seu povo e construa sua própria história.

Os cinco níveis de Leitura

A leitura deve iniciar-se a partir da própria pessoa, sua história é atingir a história de mundo.

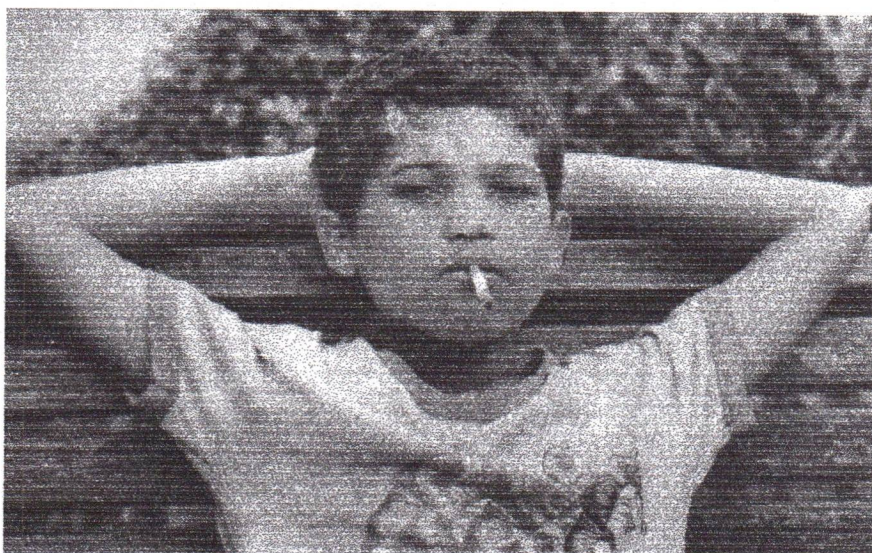
Aprender a usar os olhos e os ouvidos para enxergar e ouvir as pessoas, ao seu redor é, o segundo nível de leitura. Observe a ilustração a seguir:



É muito importante o toque. As pessoas precisam sentir-se amadas.

Conhecendo-se, e conhecendo o outro, pode-se chegar ao terceiro nível de leitura. A leitura da realidade. Esta poderia ser realizada pela leitura de gravuras e fotos que retratam facetos de nossa realidade que nem sempre os textos impressos relatam.

A realidade de nosso povo deve ser conhecida, discutida e analisada pelos educandos sem, com isto criar revoltas injustiçadas e, sim um desejo profundo de mudança. Observe a fotografia a seguir:



Ao quarto nível, incluímos os encargos sociais, os tributos que também fazem parte da história do homem.

No quinto nível de leitura, encontramos os textos escritos. Estes são os mais utilizados na escola.

O aluno só é, considerado leitor, quando é capaz de interpretá-los. Às vezes exige-se dos mesmos, uma extrapolação que nada lhes dizem, sendo então considerados maus leitores.

Todo professor deve ter o prazer de ler antes de se tornar, um estimulador.

O único papel que, não lhe compete é, ler pelo aluno.

A leitura é antes de tudo individual, e cada pessoa dá um sentido específico, próprio ao texto que lê, por causa de sua experiência de vida. É nela, que todas as emoções estão presentes, mesclados, enrolados:

— O fascínio, a vacância, a dor a volúpia...

A leitura produz um corpo perturbado, mas não fragmentado, seg. (Barthes 1994).

É o que, tentaremos mostrar nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO I

1. PRONTIDÃO

Prontidão para aprender é a soma total das características intra-pessoais que facilitam ou retardam a aprendizagem.

A prontidão para aprendizagem depende de alguns aspectos tais como: um certo grau de desenvolvimento mental; coordenação dos olhos suficiente para uma clara percepção; experiências anteriores para que a criança possa relacionar às coisas que já conhece; interesse ou desejo de aprender, maturação social e emocional.

— Isto se trata do desenvolvimento e evolução das funções específicas (linguagem, percepção, esquema corporal, reorientação espacial e temporal e a lateralidade), para a alfabetização e freqüentemente se relacionam com sérios problemas, como:

— Dislexias, disgrafia e disortografia.

- Linguagem
- Até aos oito meses – fase pré-lingüística
- De oito a dezoito meses-pensamento concreto
- Dos três aos seis anos - etapa mais importante para desenvolvimento

da linguagem; época das perguntas.

Percepção – É o processo psicológico no qual cada parte é um todo, resultado numa figura reconhecida.

Percepção entende-se também por várias sensações como:

Percepção visual, auditiva e tátil. Tais que ocorrem quando a criança observa as diferenças e semelhanças, são: as relações espaciais e no tempo.

1.1. Prontidão para Leitura e Escrita

Quando a criança está pronta para a alfabetização, ela deve conhecer, isto é, preencher estes requisitos.

a) Base de experiências:

- Aquisição de fatos, distinção de conteúdos realísticos e imaginários;
- Uso amplo da linguagem oral;
- Capacidade de ouvir com atenção.

b) Capacidade mental satisfatória:

- Habilidade de lidar com idéias e em associar palavras;
- Idade mental de seis a seis anos e meio.

c) Habilidade mental:

- Responder perguntas adequadamente;
- Guardar ou reter fatos de uma história;
- Sugerir títulos para figuras ou histórias.

d) Atitudes favoráveis ou interessantes:

- Desejar aprender;
- Interessar-se por livros.

e) Discriminação visual:

- Reconhecer semelhanças e diferenças;
- Ler gravuras.

f) Discriminação auditiva:

— Reconhecer o som das palavras que rimam

g) Maturidade emocional e social:

— Equilíbrio emocional;

— Iniciativa e desejo de realizar;

— Autoconfiança e responsabilidade;

— Boas maneiras.

h) Fatores físicos:

— Saúde;

— Visão e audição normais;

— Controle motor.

Muitos alunos não alcançam todos estes níveis ou o fazem com relativa dificuldade.

CAPÍTULO II

2. PRINCIPAIS CAUSAS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

2.1. Quanto à fala: Dislalia – Disartria – Disfemia e Afasia.

2.1.1. *Dislalia*

A dislalia consiste na presença de erros na articulação dos sons da fala.

Trata-se fundamentalmente de uma lentidão no ultrapassar das etapas de desenvolvimento da comunicação pela fala; esta chega a se desenvolver normalmente, às vezes depois de 8 ou 9 anos de idade.

As dislalias podem ocorrer independentemente do retardo na aprendizagem da fala, traduzindo simplesmente imaturidade dos mecanismos articulatórios, que recorrem a soluções mais simples, eliminando ou substituindo os fenômenos de mais difícil articulação. Trata-se de um sintoma bastante freqüente, não raro decorrente de outras causas como seja um ambiente familiar desfavorável. Algumas vezes o emprego de dislalias por mais tempo que o normal, torna-se difícil de ser corrigida.

Classificação das Dislalias:

- dislalias fonoaudiológicas;
- dislalias fonéticas;

Dislalias fonológicas – os traços característicos dos primeiros estariam envolvidas dentro dos processos de discriminação auditiva, afetando os mecanismos de conceituação dos sons e as relações entre os significantes e significados.

Dislalias fonéticas – Os processos que determinam são fisiológicos de realização articulatória com traços característicos de “*insensibilidade orgânica*” e de descordenação motora.

Os exercícios de terapia da dislalia são múltiplos ainda que possam ser classificados sob três pontos de vista:

- os que reforçam as habilidades de percepção auditiva;
- os que melhoram a práxis buço-fonatoria;
- os que eliminam hábitos incorretos da língua.

2.1.2. Disartria

A disartria pode ser definida como o transtorno da expressão verbal causada por uma alteração no controle muscular dos mecanismos da fala.

Compreende as disfunções motoras de respiração fonação ressonância, articulação e prosódia. Não se costuma incluir no conceito (dislalia), gagueira, nem aqueles baseados em alteração somática estrutural ou psicológica.

2.1.3. Disfemia

A disfemia é um transtorno de fluência da palavra, que se caracteriza por uma expressão verbal interrompida em seu ritmo de maneira mais ou menos brusca.

A esse transtorno do ritmo da fala (gagueira) acrescenta-se pela presença de outros sinais anormais, reações emocionais negativas e outras anomalias de conduta verbal e motora.

- Reações de ansiedade em situações verbais.
- Retraimento, comportamento típico de inibição ou fuga à situações verbais, medo de falar (logofobia)

- Economia de expressão verbal.
- Movimentos parasitas (tiques) etc...

Eliminar totalmente a gagueira é uma coisa que não se deve prender. Do ponto de vista terapêutico, o mais razoável é procurar eliminar ao Máximo a sintomatologia associada ao gaguejar, típica da disfemia constituída, e no caso de criança pequena evitar que o ato de gaguejar se complique.

2.1.4. *Afasia*

Podemos defini-la, como um distúrbio na capacidade do homem ao utilizar linguagem, depois desta ter sido adquirida, em decorrência de uma lesão cerebral. Muitos estudiosos da afasia usam o termo disfasia, referindo-se a pacientes que perderam parcialmente a linguagem.

A afasia pode ser decorrente de:

1. Acidente vascular cerebral por hemorragia, trombose ou embolia. Esta é a causa mais freqüente da afasia.

2. Traumatismo cerebral por acidente ou ferimentos cerebrais penetrantes.

Então acreditamos que, todas estas disfunções ou anomalias de uma certa forma influenciam para desestruturar o desempenho e aperfeiçoamento de uma perfeita leitura.

CAPÍTULO III

3. LER SEMPRE

Ler é o nosso segundo código de sobrevivência. O fato de não saber ler e escrever faz do homem um ser incompleto mesmo, que ele conte com os cinco sentidos, ainda que ele os tenha perfeitos. Nós deveríamos ler, com o mesmo prazer de quem vê o por do sol ou escuta uma canção de amor.

Como podemos querer, que uma criança estude proveitosamente quando ela; não domina seu segundo código de compreensão de mundo?

A escola já devia ter aprendido que não esquecemos aquilo, que aprendemos com prazer. E esta filosofia de vida encaixa-se muito bem no provérbio chinês, que diz:

“QUEM OUVE, ESQUECE. QUEM VÊ, LEMBRA. QUEM FAZ APRENDE”.

Ler, é muito mais importante que estudar. Os bons leitores tem grandes chances de escrever bem já que, a leitura fornece a matéria-prima para a escrita. Quem lê mais dispõe de um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura da língua portuguesa.

Quanto mais variados, interessantes e divertidos forem as leituras que, se apresente aos leitores; será a chance deles se tornarem hábeis leitores.

Se os textos apresentados forem explicitamente, para ensinar a ler, que desperte pouca atenção nos alunos, eles perderão o interesse da leitura e terão dificuldade para aprender.

A escola de um certo modo, é responsável por este aspecto pois sempre deteve o poder sobre a leitura e escrita.

Hoje novos rumos, foram tomados em relação à leitura com a sua apropriação pelas ciências da linguagem, libertando-a dos vínculos com a alfabetização e com a aprendizagem da escrita.

O tema da leitura adveio não só das inovações no campo intelectual e de pesquisadores brasileiros ligados aos mais recentes estudos lingüísticos de outros países; mas também do fenômeno, hoje posto em dúvida como a tão falada "*Crise de Leitura*", suscitando o interesse de estudiosos de ciências como a Psicologia, Sociologia, a Antropologia, a História concorrendo para o aperfeiçoamento dos estudo no campo da educação colocando em questão as práticas da própria instituição.

Estas contribuições vieram mesmo indicar questões problemáticas no campo da educação e mais especialmente, da alfabetização, correlacionando-as à escassez de material e a má qualidade dos textos lidos na escola.

Junto a isso se verifica a crescente "*concorrência*" dos meios de comunicação que tendem a seduzir o público leitor para outras esferas de interesse, afastando-as do universo cultural e social que a escola busca preservar desconsiderando muitas vezes, as mudanças de nossa sociedade altamente técnica e em processo de desenvolvimento.

Sendo a noção da leitura apresentada de forma polissêmica, segundo estudiosos; a mesma pode ser utilizada tanto para a oralidade, quanto para a escrita assim como para qualquer outro, tipo de linguagem.

"A leitura não é, um ato solitário, isolado dos problemas sociais".

Existem outras questões a serem abordadas. Mas a partir destas; podemos indagar:

- Como a leitura, vem sendo praticada nas escolas?
- O que se lê? Pra que se lê?
- Como se lê?

Sendo assim, o livro didático e o literário, não são materiais suficientes para o desenvolvimento e interesse das habilidades de um leitor dinâmico e crítico - levando em consideração ainda; a importância dos textos que tem de possuir por obrigação: características sócio-comunicativas interessantes, tem de haver sentido e uma série de fatores pragmáticos que contribua para este fim.

Entre os mesmos citamos:

- As intenções
- Unidade semântica
- Coerência, que é responsável pelo sentido do mesmo.

Para criança chegar a este nível, é necessário, que passe por um processo introdutório que servirá de entrada para o seu aperfeiçoamento. Não devemos nos apegar somente à esta visão imediatista para não correremos o risco de esquecer, que a leitura é a ferramenta para aprendermos a produzir conhecimentos.

Ensinar e aprender a ler, não é algo tão simples, envolve, não apenas o reconhecimento de letras e sons processo esse chamado de *"baixo para cima"* como também, a possibilidade do leitor guiar-se por antecipação isto é de *"cima para baixo"* que é o prioritário atualmente mudando simplesmente a visão, a técnica e os meios tornando-se um processo interativo, onde os objetos são os mesmos.

Em 1993 numa entrevista, com a pesquisadora Sara Paím, residente em Paris intitulada; *"EDUCAR É ENSINAR A PENSAR"*, diz sofrer muito, quando percebe que esta frase ainda não foi 100% incorporada pelos professores tanto aqui,

quanto na Europa. E, na verdade, concordamos; pois muitas leituras são feitas apenas para decodificar sinais gráficos e palavras; quando a mesma deveria ser feita desde o início de forma reflexiva e interpretativa pois, as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia da sala de aula são decorrentes do “*não saber ler*” e por consequência resulta no fracasso, repetência e evasão escolar.

Sara analisa estes aspectos dentro de uma perspectiva epistemológica, filosófica e ainda psicanalítica. E com isto, afirmamos que, a leitura não deve ser vista apenas como instrumento para as tarefas escolares, mas como um dos objetos da escola e precisa comprometer-se com a difusão de hábitos de leitura abrangente, interando-se para busca de uma prática social mais ampla.

CAPÍTULO IV

4. POR QUE LER

Por que a leitura é o caminho para despertar da consciência, um processo de formação do cidadão. É através da leitura que adquirimos conhecimentos, para podermos conquistar os direitos de cidadania, saber ler hoje em dia significa poder entender os vários tipos de linguagens que constantemente estão produzindo sentidos por meio dos diversos textos sociais.

Ler é uma necessidade básica, uma fonte de aquisição e transmissão de conhecimentos. Precisamos da leitura para viver com os outros no quadro de uma vida cooperativa, para comunicarmos com a família, a escola, com o exterior e para descobrir informações necessárias.

O ser humano está gradativamente perdendo a capacidade de compartilhar a sua experiência com o empobrecimento de sua linguagem, os seus poderes intelectuais também enfraqueceram. Daí a necessidade urgente da leitura. Muitos de nós não gostamos de ler porque não aprendemos a ler, os velhos métodos de ensino da leitura nos ensinam apenas em partes, possamos devemos melhorar o nosso modo de ler.

É lendo de verdade, desde as séries iniciais que alguém se torna um leitor competente. Tornar – um leitor competente supõe tornar alguém que compreenda o que leu e que possa também ler o que não está escrito, que saiba que vários

sentidos podem ser atribuídos a um texto. Um leitor competente é alguém que por iniciativa própria é capaz de selecionar dentro os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a sua necessidade. Sabemos que a leitura é uma atividade individual, mas fundamentalmente social.

Ler é importante para conhecer a forma de viver, de pensar, agir, mergulhar no universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas, situadas em outros lugares que não o seu. A partir daí podemos estabelecer relações com a forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertencemos. As pessoas têm dificuldades para comunicar-se com os outros, é através da leitura que teremos mais condições para isso.

Portanto a leitura nos permite entrar em contato com a experiência de pessoas mais culta, mais sofridas mais velhas, de outra cultura, outra época e outra raça, sem a necessidade de sua presença física.

É através da leitura que tomamos lição de estilo quando as nossas idéias forem escassas, quando tivermos um problema difícil, quando precisamos aperfeiçoarmos a nossa cultura, lembramos que a solução pode está na leitura.

Há várias vantagens que a leitura nos traz:

- O despertar da inteligência;
- A facilitação e aquisição de experiência;
- Fornecimento de soluções para os problemas;
- Aperfeiçoamento da cultura;
- Impedimento de aceitar tal imposição.

Como leitores ativos tomamos conhecimentos da importância do pensamento e da atitude crítica para a compreensão do mundo em que vivemos.

Vale a pena aprender a ler melhor. Ao contrário do que nos parece, é uma atividade bastante complexa, consistindo num grande número de atos separados.

Quanto maior for a nossa capacidade de dominar estes atos mais proveito tiramos da nossa leitura. Todas as formas de ler são relevantes, devemos contemplá-las, entendendo a todos indivíduos de uma comunidade letrada a possibilidade de desenvolver de forma satisfatória um domínio de leitura.

Sem dúvida, quando lemos estamos distraíndo, invadindo o passar do tempo, buscando o prazer a disposição refletindo a vida, modificando o comportamento e procurando uma informação específica nem conjunto complexo de informações.

Na verdade a leitura é uma atividade fundamental desenvolvida pela escola, para a formação dos alunos. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve está voltado à leitura, pois a mesma é uma herança maior do que qualquer diploma.

A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação é decorrente de problemas da leitura. Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e dependemos dela para nos mantermos e desenvolvermos. É lendo que aprendemos a ler.

Portanto quanto maiores as oportunidades de leitura, quanto mais diversificados os tipos de leitura, enfim quanto maiores experiências com a leitura tiverem nossos alunos, tanto maior poderá, ser sua capacidade de interação: leitura X escrita.

Às vezes ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico, outras vezes requer um trabalho paciente perseverante e desafiador.

CAPÍTULO V

5. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Como afirma Paulo Freire, no livro *A importância do Ato de Ler*, a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. Aprender a ler, escrever, alfabetizar-se é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, portanto tem que ter a compreensão crítica do ato de ler.

A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas uma certa forma de “*escrevê-lo*” ou de “*reescrevê-lo*”, quer dizer de transformar-lo através de nossa prática consciente. Este movimento dinâmico é um processo de alfabetização.

É neste sentido que a leitura crítica da realidade neste processo de alfabetização associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e organização.

O desenvolvimento nos últimos tempos da ciência da linguagem confere novo “*status*” a leitura de um lado liberando-se seus vínculos mais imediatos com a alfabetização.

Em conseqüência a leitura não apenas converteu-se numa área freqüentada pelos pesquisadores, ela tornou-se igualmente um espaço de discussão, ao qual são

transferidas as inquietações e ansiedades das pessoas ligadas ao ensino por razões profissionais ou leigas.

Em decorrência, a leitura presente em vários campos do pensamento científico contemporâneo acaba por ser examinado de modo segmentado, abandonando-se a visão integrada que beneficiaria a todos, investigadores e educadores.

Roland Barthes afirmou que o verbo escrever podia ter diferentes significados.

Pesquisas psicogenéticas e psicolinguísticas permitiriam advertir sobre o papel ativo da criança nas sucessivas construções intelectuais que protagoniza a partir tanto da compreensão do sistema de escrita e de linguagem escrita como também da realização do ato leitor.

O professor deve propiciar um encontro adequado entre as crianças e os textos.

Devemos criar situações de contato, exploração e reflexão sobre a produção de textos que permitam aos alunos otimizar seu aprendizado, aproveitando desse modo ao Máximo suas possibilidades.

Nosso contato com professores permite-nos afirmar que, atualmente eles têm más informações acerca da criança de suas potencialidades cognitivas do que sobre o conteúdo que deve ensinar e a maneira mais adequada para transmiti-lo.

Em certos momentos, professores apresentam orações e falam de classes de orações e classe de palavras. Entendendo o conteúdo desse modo desarticulado é lógico que o agir do professor, outro dos pilares no ato educativo também seja fragmentado e dissociado.

Dentro desse quadro o professor propõe a hora de análise sintática, da leitura, da redação, da compreensão de textos, com a esperança de que no futuro todos esses saberes se organizem por si sós nas cabeças de seus alunos, que se transformarão em bons leitores.

A partir da proposta psicogenética, ainda resta um vasto campo inexplorado que deverá ser investigado no futuro.

É importante que o professor leia em voz alta para seus alunos, pois eles terão mais facilidade de aprender a ler, e assim procedendo o docente aprende também com mais eficácia a interpretar o que esta sendo lido.

É preciso que o educador incentive o aluno a pesquisar para que ele busque novos conhecimentos e desenvolva também o ato da descoberta da leitura.

O ato de ler é de grande relevância na vida dos profissionais. É necessário que esteja em estudo da linguagem desenvolvendo trabalho significativos acerca do ensino da leitura.

O real significado de saber ler vem se modificando e tem a ver com marcas visíveis, mas o que se espera do leitor é determinado socialmente numa certa época ou cultura.

A leitura não resume em um conjunto de riquezas, mas sim em exercícios na pratica de experiências da linguagem.

A coletânea a seguir procura-se orientar no sentido do saneamento dessa carência e colaborar para a correção do problema, almejando com isso atingir um alvo superior – cooperar igualmente para superação das dificuldades que prejudicam o ensino e acesso à leitura em nossa sociedade.

CAPÍTULO VI

6. COMO A CRIANÇA APRENDE LER

A escola é o único ambiente alfabetizador. Em um cenário de tantas carências, materiais simples, como os jornais e as revistas.

É óbvio que esse trabalho se torna mais fácil quando há estímulo da família, mas não se pode contar com isso.

Na verdade, ensinar a gostar de ler não é simples nem quando os estudantes têm bons modelos em casa.

Compete também a escola, além de estimular o desenvolvimento de conhecimento e técnicas que favoreçam a leitura e a escrita, estimular uma tomada de posição diante da leitura. Escolhemos as palavras de Bettelheim e Zelan (1984) que poeticamente ilustram:

“O que é fundamental para que as crianças desejem aprender a ler não é conhecimento da utilidade prática da leitura, mas a crença firme de que saber ler se abrirá diante dela um mundo de experiências maravilhosas que permitirá despojar-se de sua ignorância, compreender o mundo e ser dono do seu destino”.

As pesquisas de Emilia Ferreiro mostraram também que a criança não se alfabetiza apenas pela ação da intervenção do professor, pois ela traz hipóteses resultantes de sua interação com o ambiente que a rodeia.

É preciso oferecer oportunidade para os menores. Alguns vão aprender muito, outros nem tanto. *“As crianças têm o mau costume de não pedir permissão para começar a aprender”.* É importante ler em voz alta especialmente se a turma for pobre vinda de lugares que existem o mínimo de pessoas letradas.

CAPÍTULO VII

7. LER E ESCREVER DE VERDADE

Tanto quanto a alfabetização, o letramento dos alunos é importante para a conquista da cidadania.

Se a cartilha é um tipo de leitura tão bom, porque não há uma entre os livros de sua estante? Não basta ensinar os códigos de leitura e escrita, como relacionar os sons às letras. É preciso tornar os estudantes capazes de compreender o significado dessa aprendizagem, para usá-la no dia-a-dia de forma a atender às exigências da própria sociedade. Em outras palavras, promover o letramento.

Na sala de aula não pode faltar material escrito. Tem que haver muitos livros. E também jornais revistas, gibis, folhetos e propagandas, novenas, anúncios, receitas, etc.

Infelizmente, essa não é a rotina nas escolas brasileiras. De modo geral, o que mais se vê é a preocupação de fazer os estudantes decodificarem a língua. Muitas agem assim por acreditar que, num passe de mágica, todos se tornem capazes de compreender os textos de um livro de Ciências Naturais ou de descobrir o melhor jeito de localizar um endereço no mapa.

Alfabetizar de verdade é bom também para o professor *“Quem conhece o processo de aprendizagem e sabe encaminhar as propostas de ensino alcança resultados sempre próximos a 100%”*.

Se você acha um sonho impossível que todos os alunos aprendam, é melhor repensar alguns conceitos. Todos podem aprender, sem exceção.

A solução foi trabalhar com projetos, pois as crianças avançam nas atividades de leitura e escrita. Num canto da sala, coloque várias caixas com jornais, gibis, revistas e livros de prosa e poesia e promover leituras diárias, os estudantes podem levar o material para casa.

Para quem não sabe ler, dominar o conceito de que existe um código próprio para entender as letras, palavras de textos - na conta de luz, na indicação da linha do ônibus, no grande out door que chama a atenção na rua. E isso, é claro, vale tanto para crianças como para adultos. Mais uma vez, vale o conceito: é possível ser analfabeto e letrado ao mesmo tempo um exemplo vivo disso é o do menino que finge ler enquanto vira as páginas de um livro.

Isso só aumenta a responsabilidade em sala de aula. *“Nos casos de alunos cujas famílias tem pouca ou nenhuma escolaridade, o professor, por ser letrado, assume um papel crucial para o letramento deles”.*

Cabe a ele conhecer e avaliar as situações já vividas pelo estudante para fazê-lo avançar. Um bom caminho é inundar essas crianças com aquilo que elas não tem em casa: livros, revistas, jornais, material impresso de todo tipo.

O letramento inclui a capacidade que temos e nos instruir por meio da leitura.

CAPÍTULO VIII

8. ENTREVISTANDO A PROFESSORA QUE SOU.

1- O que ler?

Materiais de leitura como jornais, livros, revistas, cartazes, folhetos, catálogos, bulas, rótulos, receitas, bilhetes e uma enorme variedade de outros materiais apesar que as crianças em minha cidade não tem acesso a livros por não ter biblioteca adequada para crianças, nem banca de jornais e revistas. O mais importante, no entanto, é a leitura que fazem do mundo e da vida.

2- Quando a criança sabe ler?

Aprende-se a ler à medida em que se vive. Ninguém nasce sabendo ler. Para poder ler, é preciso saber ler. Aprende-se a ler também por meio da leitura, além de se aprender com a leitura. Contudo, o mais importante é encontrar sentido na leitura. E quando digo sentido, quero dizer também o prazer de ler, de descobrir, de saber que após a leitura de um texto nunca somos os mesmos.

3- Para que ler?

Para desenvolver competências e hábitos de leitura, torna-se um bom leitor. O que acontece em uma sala de aula é fundamental para determinar se crianças ou jovens irão se tornar leitores, ou não. Claro que muitos não dependerão somente da escola, porque já trazem uma história com bases importantes para a formação do leitor.

4- Por que ler?

Para desenvolver hábitos e o gosto pela leitura. E para gostar de ler é preciso ter o hábito primeiro para depois gostar de ler. A leitura é um hábito, e, como

qualquer outro hábito, precisa ser desenvolvido. A leitura também é um gosto, mas gosto também se adquire. Ninguém nasce gostando de ler.

Dizem que os adultos usam teorias para educar seus filhos: coma verdura meu filho, que você vai gostar. Ou seja: é preciso experimentar primeiro, depois se adquire o gosto.

5- Onde ler?

Em casa, na escola, na biblioteca, na rua, no mercado, enfim, em todo lugar; assim fazendo estaremos entrando no mundo letrado, para que a leitura se transforme em necessidade e em uma forma de lazer para eles.

CAPÍTULO IX

9. PRÁTICAS LEITORAS

1- Ao mostrar as duas fotografias do São João de Piritiba aos alunos, foram feitas algumas perguntas explorando detalhes para despertar na criança o senso de observação.

✓ O que vocês estão vendo nestas duas fotografias?

✓ Como era o São João antes e o de hoje?

✓ Pedir para as crianças mostrarem as semelhanças e diferenças entre as duas fotografias.

Depois os alunos produziram um pequeno texto individualmente.

2- No dia 25 de julho, após contar para os alunos a história da Onça e as duas velhinhas, cada aluno fez o relato oral recontando a história, resumidamente.

Depois escrevi o resumo no quadro, com a ajuda das crianças para organizar e escrever o texto, iniciando, assim, o trabalho de reestruturação de texto.

Em seguida, fizeram uma leitura interpretativa para o reconhecimento das idéias principais do texto.

O texto foi copiado e ilustrado no caderno.

3- Após ter lido a história dos Três Porquinhos, os alunos recontaram a história lida ilustrando todas as cenas da história em uma folha. Em seguida colocaram os nomes dos desenhos, pintaram e afixaram no mural da sala para que todos pudessem vê-los.

4- Levei para a sala de aula cápsulas, dentro das cápsulas, coloquei um pedacinho

de papel, com um pequeno texto. Os alunos pegaram as cápsulas, abriram e leram o que estava escrito no papel e descobriram que era uma mensagem do dia dos pais. Depois eles copiaram em outro papel, enfitaram e levaram para o papai.

5- No dia 22 de agosto foi feito com os alunos um jogral de imagens. Pedi que uma criança iniciasse o jogral, fazendo a leitura.

Em seguida, a criança que estava a seu lado continuou, e o jogral prosseguiu até que todas as crianças participaram do jogral.

No final, a classe apreciou o jogral, aprovando e foi um trabalho interessante e prazeroso.

CAPÍTULO X

10. AS LÍNGUAS INFLUENCIAM NA LEITURA?

A língua portuguesa não é falada do mesmo modo por todas as pessoas que a utilizam. Ela é falada em Portugal, no Brasil, em Angola, Moçambique, Goa, Macan, em Cabo Verde etc... O modo de falar de uma pessoa é tão importante que permite saber se ela é ou não nascida e criada na mesma região onde nascemos. Podemos até saber em que classe social uma pessoa pertence, ouvindo-a falar. A razão disso é que a língua falada por uma pessoa torna-se marca de sua identidade.

O processo ler abrange tantas abordagens que, é de se esperar uma quantidade proporcional de “teorias” que dificulta ou quase impossibilita, definir uma política geral de ensino de leitura. É difícil, portanto fazer neste momento qualquer trabalho evolutivo do papel que a lingüística, a sociolingüística e a psicolingüística vem tendo no ensino da leitura. O que podemos fazer é confrontar algumas considerações sobre as colocações psicolingüísticas sobre aquisição da leitura, na literatura técnica, contrastando-as com a perspectiva que temos observado no campo da educação. Essas questões são idênticas àquelas que Chomsky (1986) atribuiu a Platão e a Orwell nas respectivas teorias do conhecimento. Segundo Chomsky, *“a questão platoniana é: Como podemos aprender tanto, com tão pouca evidencia?”*, a de Orwell consiste em perguntar: *“Como sabemos tão pouco apesar de tanta evidência?”*.

Esta visão faz o indivíduo acreditar em idéias que o tornem inconsciente da incongruência, dessas idéias com os fatos reais.

Para resolver a questão de Orwell, é preciso pois descobrir e combater os fatores que bloqueiam o insight que leva a compreensão e ao conhecimento.

Observando dentro da realidade aqui, no Brasil tem sido a linha da educação compreensível dados os anos de obscurantismo da ditadura que vivemos. O mesmo tipo de autoritarismo que a sociedade vivia era vivida pela criança na escola, que, dentro desta atmosfera representativa não tinha condições de se desenvolver.

A linha Orwelliana pode até explicar a falência; na aprendizagem e no ensino, mas não explica o que ocorre na aprendizagem bem sucedida. Apesar de todos estes levantamentos teóricos acreditamos que, a aquisição de leitura obedece até certo ponto a um desenvolvimento biológico. O ser humano vem dotado potencialmente de uma capacidade simbólica que se desenvolve dentro de um padrão uniforme, desde que haja estímulos desencadeadores. Concordamos com estágios de maturação da criança porém, é um denominador comum em visões distintas segundo Piaget, Chomsky e Vigotsky.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos esse trabalho, gostaríamos de apresentar um resumo dos principais itens tratados no mesmo, e iniciaremos fazendo um breve comentário à respeito das injustiças que a escola comete, em não levar em conta as dificuldades de decifração da leitura, por parte da criança; já que elas precisam de um tempo que varia de acordo cada uma, e este processo pressupõe não só; o que se disse a respeito da escrita e leitura; mas o que é, para que serve, e como funciona.

Conscientizemos-nos como educadores que a empatia é um processo que consideravelmente influencia neste aspecto, pois sincroniza as atividades biológicas de produção e percepção da fala.

Entre os seguimentos supra-seguimentais mais importantes de uma leitura estão:

— O ritmo, a entoação, a velocidade, o volume, a qualidade da voz e todos os modos de leitura.

Com isto, deduzimos que a leitura não é a fala da escrita mas um processo próprio que requer um amadurecimento de habilidades lingüísticas entre outros elementos pragmáticos.

Apesar da complexidade de problemas, as pessoas aprendem a ler com facilidade e perfeição no próprio ato de aprender a ler.

Conforme este provérbio chinês que diz:

“QUEM OUVI, ESQUECE.

QUEM VÊ, LEMBRA.

QUEM FAZ, APRENDE”

Vamos fazer com, que nossos alunos leiam, e leiam com prazer segundo sua variedade de língua e não obrigá-lo; logo na primeira leitura, a ler no dialeto da escola. Escrever e ler, são atividades paralelas. Deixá-los ler, refletir sobre as estratégias da leitura e o conteúdo do texto, é fundamental.

Não se lê uma poesia, igual se lê um problema matemático ou uma narrativa. É preciso saber, como proceder; em cada caso.

E, o que a escola pode oferecer de melhor aos alunos, é a leitura. Sem duvida, é a melhor herança da educação.

Se o alunado não escreve bem, mas ler. Creio que, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa.

BIBLIOGRAFIA

BAIARDI, Elie. Ler e Dizer. (Compreensão e Comunicação do Texto escrito). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CARDOSO, B. e TEBEROSKY A. Reflexões sobre o Ensino de Leitura e Escrita. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREL, Werner e SHAWARZE, Hugo. Distúrbios da Aprendizagem. Editora da Universidade de São Paulo, 1974

FERREIRO, Emilia. A Representação da Linguagem e o processo de Alfabetização. In: Caderno de pesquisas (1985).

KAUFMAN, Ana Marina e RODRIGUEL, Maria Helena. Escola Leitura e Produção de Textos. São Paulo: Artes Médicas, 1991.

LAJOLO, M. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. São Paulo: Ática, 1994.

MORAES, Antonio Manoel Pamplona. Distúrbios da Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica. São Paulo: EDICON, 1986.

MORAES, José de. Representação de Leitura.

MUSTSCHELE, Marly Santos. Problemas de Aprendizagem da Criança. São Paulo: Edição Loyola, 1985.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; SILVA, Ezequiel Theodoro da; MELLO, José Marques de; SOARES, Magda Becker e ZILBERMAN, Regina. Perspectivas Interdisciplinares.

SILVA, E. T, et all. Leitura e Desenvolvimento da Linguagem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

WEISE, Telma. Como se aprende a ler e escrever ou Prontidão. São Paulo, 1988.



ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. Na área de educação, o que você tem feito para despertar o interesse dos seus alunos pela leitura?
2. O que você já tentou e tenta fazer em sala de aula para desenvolver o entendimento de uma leitura?
3. O que seu aluno ler?
4. Por que você acha que, seu aluno deve ler?
5. Você concorda que o discente leitor, tem mais oportunidades na vida? Por que?
6. Qual foi o ultimo livro teórico sobre leitura que você leu?
7. Quais livros você indicaria para o seu aluno ler?

Respostas:

1 Terão feito várias leituras de histórias, parábolas, poesias e lendas. De maneira que, ao ouvi-las, os alunos fiquem curiosos para aprender ler. Isto tem surtido efeito.

2 Antes de iniciar uma leitura faço uma antecipação. Depois confronta os resultados dos alunos com "da" a leitura para saber que acertou.

3 Recitas, parábolas, poesias, avisos, textos reencantados e informativos.

4 Para informar-se sobre os acontecimentos e para fazer-se cidadão crítico.

5 Claro. Porque estará integrada aos acontecimentos para o mercado de trabalho exige pessoas qualificadas e informadas.

6 Alfabetização em Processo: Emília Teixeira →

7 Bem como trabalho na "base da alfabetização" procura livros de histórias infantis, porque acompanha ilustrações que facilitará o entendimento do texto despertará o interesse no aluno.
Na verdade, só se aprende ler lendo.

QUESTIONÁRIO

1. Na área de educação, o que você tem feito para despertar o interesse dos seus alunos pela leitura?
2. O que você já tentou e tenta fazer em sala de aula para desenvolver o entendimento de uma leitura?
3. O que seu aluno ler?
4. Por que você acha que, seu aluno deve ler?
5. Você concorda que o discente leitor, tem mais oportunidades na vida? Por que?
6. Qual foi o ultimo livro teórico sobre leitura que você leu?
7. Quais livros você indicaria para o seu aluno ler?

① Criando na escola um ambiente de leitura. O professor tem dar o exemplo e despertar a curiosidade dos alunos.

② Jogo, dramatização

③ Gibi, livro de história, livros didáticos

④ Para compreender melhor o mundo e se tornar um cidadão crítico e participativo.

⑤

⑥ Sim. Porque através da leitura é que adquirimos novos conhecimentos.

⑦ Os PCNS.

⑧ O galho juvenil, A casa sonolenta, Menino Maluquinho

QUESTIONÁRIO

1. Na área de educação, o que você tem feito para despertar o interesse dos seus alunos pela leitura?
2. O que você já tentou e tenta fazer em sala de aula para desenvolver o entendimento de uma leitura?
3. O que seu aluno ler?
4. Por que você acha que, seu aluno deve ler?
5. Você concorda que o discente leitor, tem mais oportunidades na vida? Por que?
6. Qual foi o último livro teórico sobre leitura que você leu? *Psicogênese da Língua Escrita (Emília Ferreiro)*
7. Quais livros você indicaria para o seu aluno ler?

Respostas

1. Há vários meios pelos quais nos educadores podemos despertar o gosto e o interesse pela leitura. E esses meios são: notícias de jornais, livros de histórias infantis, rótulos, contos.

2. Dramatizações da história que foi lida ou até mesmo elaborar uma história por eles e apresentá-la.

3. Coloco todos tipos de leitura. jornais → notícias escritas como anúncios, humor, revistas, histórias infantis etc.

4. Ler para o aluno é muito bom pois, assim ele conseguirá intervir de maneira adequada e apropriada as devidas respostas na solução de problemas e até mesmo na hora de ler.

5. Sim. Porque ele sabendo a leitura conseguirá através de grandes obstáculos superar as diversidades.

Através dos questionamentos direcionados às nossas colegas:

- Lucivalda, CBA I s, com 28 alunos, Escola Edgard Pereira.
- Edilene, CBA I i, 25 alunos, Escola Joaquim Sampaio Neto.
- Cleide, com CBAls, 25 alunos, na mesma Escola.

Constatamos que os pensamentos são os mesmos, apenas os meios e métodos são diversificados e isto é mais que correto. O importante é que busquem aperfeiçoar-se e demonstrem amor e responsabilidade; para despertar o interesse dos seus alunos pela aprendizagem da leitura tornando-os verdadeiros leitores.

Demonstram que têm consciência da importância deste ato, para a vida de cada cidadão e o quanto ajudará a tornar-se crítico e participativo do mundo em que atuam.

